



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 02/08/2019



Defesa Civil recebe nova viatura para ajudar na Operação Estiagem 2019



A Defesa Civil de Campinas recebeu na manhã desta sexta-feira, 26 de julho, uma nova viatura – caminhonete, equipada com um conjunto de combate a incêndios, composto por um tanque com capacidade para 400 litros e outros equipamentos. Campinas foi a primeira cidade da Região Metropolitana de Campinas a receber a unidade, que vai servir de modelo para os demais municípios da RMC. O veículo vai começar a operar no começo de agosto em atividades de vistorias preventivas e de combate a princípios de incêndio atendendo a Operação Estiagem 2019. Também servirá para visitar áreas de preservação e atuar no apoio às ocorrências do Corpo de Bombeiros em matas.

Este ano, a Defesa Civil de Campinas, em parceria com o Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), está fazendo o monitoramento de áreas de risco de queimadas via satélite.

A partir da indicação das imagens fornecidas pelo satélite, a Defesa Civil faz uma vistoria preventiva no local. Segundo o diretor do órgão, Sidnei Furtado, essas ações ocorrem diariamente. “Se tiver em locais que são potenciais focos de incêndio, a Defesa Civil faz o primeiro atendimento e já aciona imediatamente o Corpo de Bombeiros”, explica Sidnei. “Esse trabalho de integração que temos com os Bombeiros é muito importante na prevenção de riscos e queremos levar esta proposta que vamos levar para outras cidades da RMC”, destacou Furtado.

Durante a Operação Estiagem deste ano, a Defesa Civil atendeu 49 ocorrências de 1º de maio a 24 de julho. A unidade de apoio de combate a incêndios entregue hoje à Defesa Civil foi adquirida com recursos do Fundocamp, vinculado à Agência Metropolitana de Campinas – Agemcamp. Na cerimônia de entrega na manhã desta sexta-feira no Paço Municipal, o Corpo de Bombeiros também recebeu duas novas viaturas para a corporação. A primeira é uma veículo de resgate que foi doada pelo governo do estado de São Paulo e, a segunda, é um carro, usado para vistorias e apoio às ocorrências.

Operação Estiagem

A Operação Estiagem 2019 começou em 1º de maio e vai até 3 setembro. Durante este período, a Defesa Civil, em parceria com outros órgãos públicos, faz ações de prevenção a riscos, como, por exemplo, a prevenção e o monitoramento de queimadas.

Esta época do ano tem como característica a falta de chuvas, o que causa a baixa umidade relativa do ar e as altas temperaturas que são causas dos focos de incêndios.

A Defesa Civil é a protagonista da Operação, mas todo o trabalho envolve uma ação multidisciplinar de secretarias que compõem o Comitê Municipal de Gestão de Risco e Gerenciamento de Desastres.

Campinas é certificada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como cidade modelo de boas práticas na construção de resiliência para a redução de riscos e desastres.

No dia 16 de maio deste ano, a Defesa Civil conquistou o **prêmio Sasakawa das Nações Unidas** para a redução de desastres, que foi entregue em Genebra, na Suíça. Este é o mais importante prêmio internacional concedido a instituições que tomam iniciativas ativas na redução de riscos de desastres e Campinas concorreu com 61 candidaturas de 31 países.

FONTE: <http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=36819>



Guia de ondas de calor para cidades

Este guia prático é projetado com e para pessoas que trabalham no governo da cidade para entender, reduzir o risco de, e responder a, ondas de calor em suas cidades. O guia fornece informações e recomendações para a equipe técnica dentro do governo da cidade, incluindo: o trabalho com parceiros para entender os riscos de ondas de calor específicos da cidade; abordagens operacionais para se preparar para uma onda de calor iminente; estratégias de resposta para reduzir danos humanos durante uma onda de calor; e maneiras de aprender com uma onda de calor que acaba de terminar. Estudos de caso de cidades ao redor do mundo estão incluídos neste guia para destacar estratégias eficazes de adaptação ao calor urbano, incluindo sistemas de alerta antecipado, projetos sensíveis ao clima e campanhas de informação pública.

FONTE: <https://www.climatecentre.org/downloads/files/IFRCGeneva/RCCC%20Heatwave%20Guide%202019%20A4%20RR%20ONLINE%20copy.pdf>



Calor assassino nos Estados Unidos: escolhas climáticas e o futuro de dias perigosamente quentes

Essa análise do UCS fornece uma visão detalhada de como os eventos de calor extremo causados por combinações perigosas de temperatura e umidade provavelmente se tornarão mais frequentes e disseminados nos Estados Unidos ao longo deste

século. Ele também descreve as implicações para a vida cotidiana em diferentes regiões do país.

Os autores analisaram onde e com que frequência o índice de calor - também conhecido como temperatura do "National Weather Service" - deve chegar a 90 ° F, 100 ° F ou 105 ° F durante as futuras estações quentes (abril a outubro). nos Estados Unidos contíguos. Os autores conduziram essa análise para três cenários climáticos globais associados a diferentes níveis de emissões globais de aquecimento e aquecimento futuro. Esses cenários refletem diferentes níveis de ação para reduzir as emissões globais, de efetivamente nenhuma ação para ação rápida. Mesmo o cenário de ação rápida para reduzir as emissões não poupa as comunidades de um futuro de calor extremo substancialmente aumentado. Para as maiores probabilidades de assegurar um futuro climático seguro para o público e os ecossistemas, é necessária uma ação ainda mais agressiva, nos EUA e no mundo,

Os resultados mostram que a falta de redução das emissões de calor levaria a uma impressionante expansão do calor perigoso. Em contraste, as reduções agressivas de emissões que limitam o futuro aquecimento global a 2 ° C ou menos, conteriam essa expansão e poupariam milhões de pessoas nos Estados Unidos da ameaça de calor implacável no verão. Com essas reduções de emissões agressivas, os impactos acima seriam, na maioria dos casos, mantidos em níveis de meados do século ou abaixo deles e não piorariam progressivamente durante a segunda metade do século.

FONTE: <https://www.ucsus.org/sites/default/files/attach/2019/07/killer-heat-analysis-full-report.pdf>



Preparação para desastres individuais: Explicando o comportamento de busca e preparação de informações relacionadas a desastres na Suíça

O panorama contemporâneo de ameaças e riscos da Suíça mudou nos últimos anos. De fato, os riscos que hoje chamam a atenção de especialistas e formuladores de políticas incluem ataques cibernéticos, pandemias, ataques terroristas e blecautes. Mas que riscos o público suíço considera mais preocupantes? Como a percepção de risco é diferente entre especialistas e membros da população em geral? Os riscos são percebidos de maneira diferente, dependendo de sua origem natural, social ou técnica? E quais são as necessidades de informação do público suíço em relação a essas ameaças? Este Relatório de Risco e Resiliência de CSS aborda essas e outras questões.

Com base nas análises realizadas neste estudo, quatro importantes conclusões emergem:

1. Embora as pessoas pareçam estar buscando mais informações sobre riscos e demonstrarem níveis mais altos de percepção de risco, esses fatores não se correlacionam necessariamente com o aumento do conhecimento sobre possíveis preparações ou a preparação real.
2. Conforme destacado pelo trabalho anterior do CSS, considerar vários elementos-chave ao desenvolver informações de risco provavelmente melhorará a capacidade do público de traduzir as informações de risco em ação.
3. Concentrar-se em fatores demográficos como propulsores de assimilação de informação e ação ao desenvolver mensagens e processos de comunicação de risco é insuficiente. Uma compreensão do modo como as características demográficas afetam a busca de informações, o conhecimento de prontidão e o comportamento de preparação devem ser misturados à consideração da maneira como os fatores sociocognitivos afetam as decisões das pessoas. Combinando ambos, os comunicadores de risco podem razoavelmente desenvolver recursos de comunicação de risco eficazes e eficientes.
4. A preparação adequada requer planejamento. O estudo demonstrou que as pessoas que desenvolvem um plano de emergência geralmente demonstram níveis mais elevados de conhecimento de preparação do que as pessoas que relatam ter um suprimento emergencial de comida e água.

FONTE: <https://css.ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/center-for-securities-studies/pdfs/RR-Reports-2019-Individual-Disaster-Preparedness.pdf>



O progresso dos governos locais em tornar as cidades resilientes: situação atual

Em geral, as comunidades locais são consideradas como uma das principais partes interessadas na construção da resiliência urbana, pois são as principais vítimas e as primeiras a responder aos desastres. A fim de examinar o progresso dos governos locais, como eles podem ser fortalecidos e reformados, uma série de instituições, incluindo agências governamentais, agências não-governamentais, ONU e centros de pesquisa, desenvolveram ferramentas. Com relação a isso, a UNDRR lançou a campanha 'Tornando as Cidades Resilientes' (MCR) em 2010. A campanha pretendia convencer os líderes da cidade e os governos locais a trabalhar junto com ativistas locais, redes de base e autoridades nacionais. A campanha desenvolveu dez itens essenciais baseados no Quadro de Ação de Hyogo para o nível local. Esses dez itens essenciais foram modificados após a Terceira Conferência Mundial da ONU sobre Redução de Riscos de Desastres, realizada de 14 a 18 de março de 2015 em Sendai, Japão. Os Dez Elementos Essenciais para Tornar as Cidades Resilientes que fornecem os elementos básicos para entender a resiliência a desastres no nível local foram modificados e alinhados à orientação fornecida pelo Marco de Sendai para

monitoramento de Redução de Risco de Desastres, metas globais e a estrutura geral de monitoramento de Sendai. Com base nesses dez itens essenciais, o Scorecard preliminar e detalhado de Resiliência a Desastres para cidades foi desenvolvido pela UNDRR. Este artigo é uma tentativa de relatar os resultados dos resultados preliminares do scorecard. Os Dez Elementos Essenciais para Tornar as Cidades Resilientes que fornecem os elementos básicos para entender a resiliência a desastres no nível local foram modificados e alinhados à orientação fornecida pelo Marco de Sendai para monitoramento de Redução de Risco de Desastres, metas globais e a estrutura geral de monitoramento de Sendai. Com base nesses dez itens essenciais, o Scorecard preliminar e detalhado de Resiliência a Desastres para cidades foi desenvolvido pela UNDRR. Este artigo é uma tentativa de relatar os resultados dos resultados preliminares do scorecard. Os Dez Elementos Essenciais para Tornar as Cidades Resilientes que fornecem os elementos básicos para entender a resiliência a desastres no nível local foram modificados e alinhados à orientação fornecida pelo Marco de Sendai para monitoramento de Redução de Risco de Desastres, metas globais e a estrutura geral de monitoramento de Sendai. Com base nesses dez itens essenciais, o Scorecard preliminar e detalhado de Resiliência a Desastres para cidades foi desenvolvido pela UNDRR. Este artigo é uma tentativa de relatar os resultados dos resultados preliminares do scorecard. O Scorecard preliminar e detalhado de Resiliência a Desastres para cidades foi desenvolvido pela UNDRR. Este artigo é uma tentativa de relatar os resultados dos resultados preliminares do scorecard. O Scorecard preliminar e detalhado de Resiliência a Desastres para cidades foi desenvolvido pela UNDRR. Este artigo é uma tentativa de relatar os resultados dos resultados preliminares do scorecard.

Este artigo é uma contribuição para a edição de 2019 do Relatório de Avaliação Global sobre Redução do Risco de Desastres (GAR 2019).

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/66439_f358finalamaratungaetaltheprogresso.pdf



Desastres, mortes e o alvo da Estrutura de Sendai: um caso de falha de sistemas no deslizamento de terra de Hiroshima em 2014, Japão

A partir dos 19^o a 21^o em agosto de 2014, a cidade de Hiroshima, no Japão, experimentou uma chuva torrencial que disparou 166 deslizamentos de terra, o que levou a 107 fluxos de detritos e 59 deslizamentos rasos. Esses deslizamentos de terra foram agravados por inundações repentinas. A consequência dos deslizamentos e inundações levou a 74 mortes nas duas alas de Asa-Kita e Asa-Minami, que estão na parte norte de Hiroshima. As razões para essas mortes foram capturadas por

especialistas e pesquisadores através das lentes das perspectivas de 'risco' e 'vulnerabilidade'. Este artigo envolve uma 'perspectiva complexa' para explicar por que essas mortes ocorreram e como elas poderiam ter sido evitadas em Hiroshima. De acordo com a perspectiva complexa, as mortes em desastres são evitáveis ao alinhar o conglomerado de diferentes agrupamentos profissionais e atores projetados para tarefas e objetivos específicos.

Evitar ou reduzir as mortes por desastres é um campo científico emergente. Em 2015, o Quadro Sendai da ONU para Redução do Risco de Desastres identificou sete Metas Globais, das quais a primeira meta é “reduzir substancialmente a mortalidade global por desastres até 2030”. Esta é uma notícia acolhedora, uma vez que se pretende levar a novas ações, estratégias, financiamento e pesquisa para reduzir as mortes por desastres. Pretende-se também conduzir à recolha sistemática de dados de mortalidade a nível local, nacional e internacional, que atualmente falta. Esta pesquisa contribui para o domínio progressivamente emergente do conhecimento, trazendo o caso de Hiroshima para o primeiro plano.

Este artigo é uma contribuição para a edição de 2019 do Relatório de Avaliação Global sobre Redução do Risco de Desastres (GAR 2019).

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/66627_f424finalnibeditas.raybennettdisast.pdf



Oito anos após o acidente nuclear de Fukushima - Recuperação da comunidade e reconstrução de desastres nucleares e radiológicos - um caso da vila de Kawauchi e da cidade de Tomioka em Fukushima

Em 11 de março de 2011, o Grande Terremoto e Tsunami do Leste do Japão danificou gravemente a Usina Nuclear de Fukushima Daiichi (FDNPP). Grande radioatividade liberada induziu desastres multirisco em meios de subsistência humanos e ecossistemas na Prefeitura de Fukushima. Em dezembro de 2018, cerca de 43 mil moradores de Fukushima ainda estavam para retornar às suas cidades natais, com 33 mil deles vivendo fora da prefeitura. Isto deve-se a: incerteza persistente de impactos de radiação a longo prazo na tiróide, bem como em todo o corpo; o medo e a ansiedade da radiação impactaram cerca de 165 mil pessoas que foram deslocadas precipitadamente na ausência de informações e comunicações corretas sobre riscos durante o estágio inicial do desastre nuclear; estresse psicossocial e mental; e atrasar a recuperação de oportunidades de emprego e meios de subsistência ambientais.

Os impactos agudos ou crônicos e diretos ou indiretos de desastres nucleares requerem uma interface intensiva de política científica para promover o

gerenciamento nacional de riscos de desastres multiriscos, como evidenciado no caso das comunidades afetadas de Fukushima, como Kawauchi Village e Tomioka Town.

Kawauchi Village conseguiu o retorno dos evacuados para a terra afetada pela radiação pela primeira vez no mundo. Em março de 2012, após tedioso trabalho de descontaminação na aldeia, as doses de radiação foram consideradas seguras para seus moradores voltarem para casa, e escolas e escritórios públicos foram reabertos. Em 2013, as autoridades públicas da vila e da Universidade de Nagasaki concluíram um acordo abrangente para ajudar a aldeia a sustentar seus esforços de recuperação através de um satélite local da Universidade conhecido como a "Base de Promoção da Reconstrução da Universidade de Nagasaki-Kawauchi". A Universidade despachou uma enfermeira de saúde pública em tempo integral para ficar permanentemente na aldeia e fornecer serviços de consulta de radiação de saúde e monitorar os níveis de radiação em amostras de alimentos e solo. Reuniões regulares são realizadas na aldeia para promover um maior diálogo entre os especialistas em radiação, médicos, enfermeiros de radiação e líderes comunitários da Vila de Kawauchi e sua população. Com base nessa experiência, a Universidade de Nagasaki também concluiu com Tomioka Town um acordo abrangente para apoiar a recuperação da cidade e estabeleceu um escritório satélite local para começar a ajudar na recuperação da comunidade logo após o levantamento da ordem de evacuação em abril de 2017.

A colaboração aldeia / cidade-universidade fornece ao Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres um modelo para o desenvolvimento de uma abordagem multidisciplinar e multirrisco para a política pública de RRD durante a fase de recuperação de um acidente nuclear.

Este artigo é uma contribuição para a edição de 2019 do Relatório de Avaliação Global sobre Redução do Risco de Desastres (GAR 2019).

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/66471_f44finalinomatasevenyearsafterfukus.pdf



Global Assessment Report
on Disaster Risk Reduction



O estado de resiliência a desastres das pequenas empresas: 'risco natural' ou 'desastre'

O papel das pequenas empresas dentro das comunidades é vital e estimulante para a cidade como um todo. As empresas fornecem bens e serviços a residentes e visitantes, empregam vizinhos locais e contribuem para o bem-estar do bairro maior. Para as empresas, a resiliência é a capacidade de sobreviver, adaptar e crescer, independentemente dos choques ou tensões vivenciados. Isso inclui estar preparado para desastres, saber responder a desastres e entender como se conectar antes e depois de um desastre. As pequenas empresas têm sido amplamente esquecidas quando se trata de preparação, resposta ou recuperação de desastres. Existem iniciativas de melhoria de resiliência para as principais cidades e empresas

multinacionais, no entanto, as pequenas empresas são deixadas para trás, embora sejam a principal fonte de emprego,

O Escritório das Nações Unidas para Serviços de Projetos (UNOPS), em parceria com o Escritório das Nações Unidas para Redução de Risco de Desastres (UNDRR) e com apoio financeiro da Fundação Walmart, lançou um estudo em 2016 para avaliar a prontidão e resiliência a desastres de pequenas e médias empresas (PME). Este estudo foi iniciado após o devastador furacão Katrina (2005), da Categoria 5, em Nova Orleans, Louisiana, EUA, que causou a morte de 1.833 pessoas e causou danos de infraestrutura de mais de US \$ 125 bilhões como resultado da tempestade. Como uma cidade costeira típica com muitas PMEs, este estudo concentrou-se no levantamento de mais de 200 PMEs em Nova Orleans para entender melhor o grau de preparação para planejar, responder e se recuperar de um desastre natural.

Este artigo é uma contribuição para a edição de 2019 do Relatório de Avaliação Global sobre Redução do Risco de Desastres (GAR 2019).

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/66373_f345sandsthestateofdisasterresilien.pdf



A província de Potenza #WeResiliente abordagem holística multiescala e multinível na redução da resiliência local e desenvolvimento sustentável: o caso da província de Potenza e seus municípios de Potenza e Pignola

O presente trabalho descreve a experiência da Província de Potenza (uma autoridade local italiana de nível subnacional) na realização dos recentes objetivos e metas dos acordos globais da ONU e, em particular, ilustra:

- Progressos realizados na implementação local da estratégia #weResilient, uma ação de tomada de decisão sobre o desenvolvimento sustentável informada pelos riscos a nível territorial / local, baseada numa combinação estrutural de políticas de sustentabilidade ambiental, segurança territorial e contrastes das alterações climáticas;
- coerência da abordagem multiescala e multinível na integração dos percursos informados sobre os riscos e do desenvolvimento sustentável;
- abordagem inclusiva devido ao forte envolvimento da comunidade;
- Os resultados obtidos no apoio e coordenação dos municípios do território provincial para a criação de condições locais para gerenciar riscos, mitigar riscos e melhorar o desenvolvimento sustentável local com uma abordagem

holística multiescala e multinível. A abordagem é baseada em uma perspectiva de área ampla (supermunicipal) e, portanto, contribui diretamente para a Meta E, ODS 11 e ODS 13 do Marco de Sendai e, indiretamente, para as outras metas e objetivos. Os estudos de caso da cidade de Potenza (como exemplo de uma cidade maior) e do município de Pignola (como exemplo de um assentamento menor) são descritos em termos de ações específicas executadas e resultados registrados até o momento;

- eficácia do sistema de *governança-responsabilização* no qual a abordagem #weResilient se baseia e é um meio poderoso para a aquisição e compartilhamento de conhecimento para criar as condições que contribuem para a mudança.

O objetivo deste trabalho é ilustrar um exemplo concreto de tradução de *palavras* (derivando de compromissos, como as metas globais) em *ações* (localização dos compromissos), de modo a fornecer orientação e inspiração para outros governos mundiais (em todos os níveis) em executando um caminho similar. Nesse sentido, como uma contribuição específica para a Meta E do Marco Sendai e para a ODS 17, a Província de Potenza (Modelo Mundial da UNDRR para “Resiliência Inclusiva e Segurança Territorial” por reconhecimento em 2015) comprometeu-se a prestar seu apoio institucional na assistência esses governos em delinear e implementar estratégias e ações de resiliência local.

Este artigo é uma contribuição para a edição de 2019 do Relatório de Avaliação Global sobre Redução do Risco de Desastres (GAR 2019).

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/66437_f351attolicopotenzaprovinceweresili.pdf



Twitter e desastres: uma impressão digital de resiliência social

Compreender a resiliência de uma comunidade que enfrenta um evento de crise é fundamental para melhorar sua capacidade de adaptação. A resiliência da comunidade foi conceituada como uma função da resiliência de componentes de uma comunidade, como sistemas ecológicos, de infraestrutura, econômicos e sociais etc. Neste trabalho, os autores introduzem o conceito de “impressão digital de resiliência” e propõem método dimensional para analisar os componentes da resiliência da comunidade, aproveitando as definições existentes de resiliência da comunidade com os dados da rede social Twitter. Dados do Twitter de 14 eventos são analisados e as impressões digitais de resiliência resultantes são computadas.

O documento compara as impressões digitais entre os eventos e mostra que grandes desastres, como furacões e terremotos, têm uma impressão digital de resiliência única,

consistente entre diferentes eventos do mesmo tipo. Especificamente, os furacões têm uma impressão digital distinta que os diferencia de outros eventos importantes. Os autores analisam os componentes subjacentes à semelhança entre os furacões e descobrem que os componentes ecológicos, de infraestrutura e econômicos da resiliência da comunidade são os principais responsáveis pela diferença entre a resiliência comunitária dos furacões e outros grandes eventos.

FONTE: <https://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?tp=&arnumber=8706991>



Tendências globais no litígio sobre mudança climática: instantâneo de 2019

Este relatório política fornece uma visão geral dos problemas atuais no contencioso mudanças climáticas, com foco em casos selecionados e desenvolvimentos de maio 2018 a maio de 2019. O relatório baseia-se na Climate Change Leis do banco de dados do mundo e do banco de dados Alterar US Climate Contencioso .

Pontos chave:

- O litígio sobre mudança climática continua a se expandir nas jurisdições como uma ferramenta para fortalecer a ação climática, embora seja necessária mais evidência de seu impacto.
- Os casos de mudança climática foram trazidos em pelo menos 28 países ao redor do mundo, e nos casos registrados mais de três quartos foram arquivados nos Estados Unidos.
- A maioria dos acusados é de governos, mas os processos estão cada vez mais voltados para as maiores empresas emissoras de gases de efeito estufa.
- As reivindicações relacionadas às mudanças climáticas também estão sendo perseguidas por investidores, acionistas ativistas, cidades e estados.
- O litígio sobre mudança climática em países de renda baixa e média está crescendo em quantidade e importância.

O relatório conclui que o litígio sobre mudança climática é cada vez mais visto como uma ferramenta para influenciar os resultados das políticas e o comportamento corporativo. Os direitos humanos e a ciência estão desempenhando um papel maior nos casos. Embora os litígios possam encorajar empresas privadas e investidores a dar maior consideração aos riscos climáticos, não há evidências suficientes de seus impactos.

FONTE: http://www.lse.ac.uk/GranthamInstitute/wp-content/uploads/2019/07/GRI_Global-trends-in-climate-change-litigation-2019-snapshot-2.pdf

OMS recebe contribuições para roteiro de controle a 20 doenças tropicais negligenciadas

A Organização Mundial da Saúde (OMS) [apresentou no domingo \(28\)](#), em Belo Horizonte (MG), um panorama do novo roteiro 2021-2030 de controle, eliminação ou erradicação de 20 doenças tropicais negligenciadas. A palestra foi dada na abertura do MEDTROP-PARASITO 2019, evento que deve reunir 3 mil pessoas até 31 de julho, entre pesquisadores, cientistas, profissionais de saúde e estudantes.

Com o tema “Convergência e inclusão: em busca de soluções sustentáveis para o diagnóstico, tratamento e controle das doenças tropicais”, o MEDTROP-PARASITO 2019, pela primeira vez, terá realização simultânea de três eventos: 55º Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; 26º Congresso Brasileiro de Parasitologia; e 34ª Reunião de Pesquisa Aplicada em Doença de Chagas e 22ª Reunião de Pesquisa Aplicada em Leishmanioses, ambos conhecidos por CHAGASLEISH 2019.

Pedro Albajar Viñas, oficial técnico de Doenças Negligenciadas Tropicais da OMS, lembrou aos participantes da cerimônia de abertura que, neste momento, a OMS está recebendo contribuições para o roteiro, que será posteriormente finalizado e submetido à aprovação pelos países.

O objetivo é que o documento reflita os pontos de vista de todas as partes interessadas que contribuem para a luta contra as doenças tropicais negligenciadas. “Todos juntos tentando propor objetivos, metas, indicadores que possam ser monitorados, pensando nos determinantes sociais; pensando não somente em igualdade, mas em equidade; pensando em todas as oportunidades de integração”, afirmou Viñas.

O formulário online está disponível até 30 de julho em árabe, espanhol, francês e inglês: <https://extranet.who.int/dataform/881193>. Dúvidas sobre o formulário ou o processo de consulta podem ser esclarecidas por meio do seguinte e-mail: NTDRoadmap@who.int.

Mais informações sobre o roteiro 2021-2030 de controle, eliminação ou erradicação de 20 doenças tropicais negligenciadas estão disponíveis em inglês neste link: https://www.who.int/neglected_diseases/news/WHO-global-consultations-for-new-Roadmap-on-NTD/en/.

Chagas

Viñas também lembrou a criação neste ano, durante a última Assembleia Mundial da

Saúde, do Dia Mundial da Doença de Chagas — que será marcado anualmente em 14 de abril. Foi nessa data, em 1909, que a primeira paciente, uma menina brasileira chamada Berenice Soares de Moura, foi diagnosticada com a doença pelo também brasileiro Carlos Ribeiro Justiniano Chagas.

O Dia Mundial da Doenças de Chagas passará a ser uma oportunidade de chamar mais atenção para essa e outras doenças negligenciadas, bem como dos recursos necessários para controlá-las, eliminá-las ou erradicá-las.

Doenças negligenciadas

As doenças tropicais negligenciadas — um grupo diversificado de doenças transmissíveis que prevalecem em condições tropicais e subtropicais em 149 países — afetam mais de 1 bilhão de pessoas e custam bilhões de dólares às economias em desenvolvimento todos os anos. As populações que vivem em situação de pobreza, sem saneamento adequado e em contato próximo com vetores infecciosos, animais domésticos e gado são as mais afetadas.

Abaixo, uma breve descrição das doenças tropicais negligenciadas:

- Dengue: doença viral transmitida por mosquitos que causa doença semelhante à gripe. Ocasionalmente se desenvolve em uma complicação letal, conhecida como dengue grave como as formas hemorrágicas.
- Raiva: doença viral transmitida aos seres humanos por meio da mordedura de cães infectados. Invariavelmente fatal quando os sintomas se desenvolvem.
- Tracoma: infecção transmitida por contato direto com os olhos ou secreção nasal. Causa opacidades corneanas irreversíveis e cegueira.
- Úlcera de Buruli: infecção debilitante que causa destruição grave da pele, dos ossos e dos tecidos moles.
- Boubá: infecção bacteriana crônica que afeta principalmente pele e osso.
- Hanseníase: causada pela infecção principalmente da pele, nervos periféricos, mucosa do trato respiratório superior e olhos.
- Doença de Chagas: infecção transmitida pelo contato com insetos vetores, ingestão de alimentos contaminados, transfusão de sangue infectado, transmissão congênita, transplante de órgãos ou acidentes laboratoriais.
- Tripanossomíase humana africana (doença do sono): propagada por picadas de moscas tsé-tsé. Quase 100% fatal sem diagnóstico e tratamento imediatos.
- Leishmaniose: transmitida por meio de picadas de flebotomíneos infectados. Em sua forma mais severa (visceral), ataca os órgãos internos. A forma mais prevalente

(cutânea) causa úlceras faciais, cicatrizes desfigurantes e incapacidade.

- Teníase e neurocisticercose: infecção por tênia adulta em intestinos humanos; a cisticercose ocorre quando os seres humanos ingerem ovos de tênia que se desenvolvem como larvas nos tecidos.
- Dracunculíase (doença do verme-da-guiné): infecção por nematódeos, transmitida por água potável contaminada com pulgas de água infectadas por parasitas.
- Equinococose: infecção causada por estágios larvais de tênia, formando cistos patogênicos. Transmitido aos seres humanos por meio da ingestão de ovos colocados em fezes de cães e animais selvagens.
- Doenças transmitidas por alimentos: infecção adquirida pelo consumo de peixe, vegetais e crustáceos contaminados com larvas parasitas.
- Filariose linfática: infecção transmitida por mosquitos que causa aumento anormal de membros e genitais de vermes adultos habitando e se reproduzindo no sistema linfático.
- Micetoma: debilitante e incapacitante infecção bacteriana/fúngica da pele, provavelmente causada pela inoculação de fungos ou bactérias no tecido subcutâneo.
- Oncocercose (“cegueira dos rios”): doença parasitária dos olhos e da pele, transmitida pela picada de mosquitos pretos infectados. Causa coceira intensa e lesões oculares, levando à deficiência visual e cegueira permanente.
- Esquistossomose: infecção de larvas de vermes. A transmissão ocorre quando as formas larvais liberadas pelos caramujos de água doce penetram na pele humana durante o contato com água infestada.
- Helmintíase transmitida pelo solo: grupo de infecções de helmintos intestinais transmitidas por meio de solo contaminado por fezes humanas.

FONTE: https://www.who.int/neglected_diseases/news/WHO-global-consultations-for-new-Roadmap-on-NTD/en/

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>